

A SEGURANÇA PESSOAL DO PRESIDENTE AMERICANO. DIREITO OU OBRIGAÇÃO?

Carlos Alberto Sousa Magalhães

Texto entregue em Novembro de 2021

NO DIA 20 DE JANEIRO DE 2021, Joe Biden tornou-se o 46º Presidente dos Estados Unidos (POTUS).

Numa cerimónia marcada por fortes medidas de segurança, cada investidura a isso obriga e pelos protestos no pós eleições presidenciais, Biden de 78 anos, jurou defender a Constituição Americana e assumiu o cargo.

Os Serviços Secretos (USSS) já asseguravam a proteção do candidato desde a sua nomeação oficial pelo Partido Democrata às eleições e continuaram a fazê-lo já como Presidente eleito. No entanto em janeiro deixou de o ser e ao tomar posse tornou-se no inquilino mais famoso da Casa Branca, no líder da maior potência económica do mundo e Comandante-em-chefe das Forças Armadas mais evoluídas do planeta. Poderia o agora Presidente dispensar a sua segurança pessoal?

Poderia continuar a viajar pacificamente de comboio como o fazia regularmente residindo ao mesmo tempo na casa de sempre?

Poderia continuar a ter prerrogativas de cidadã comum ou a investidura no cargo tornou-o de alguma forma refém do país em termos securitários?

Em janeiro de 1835 Andrew Jackson o sétimo Presidente dos Estados Unidos tornou-se o primeiro chefe de Estado americano a ser vítima de um atentado.

No dia 30 desse mês, Richard Lawrence, um pintor de casas desempregado disparou duas armas de fogo na direção do Presidente falhando. Jackson sobreviveu ao ataque.

Três décadas mais tarde Lincon não teve a mesma sorte e no interior do teatro Ford em Washington sucumbiu face ao disparo da arma de fogo de John Wilkes Booth no dia 14 de abril de 1865.

Abraham Lincon foi o primeiro chefe de Estado americano a padecer vítima de um atentado. O principal oboeiro do *Civil Rights* e grande mentor da abolição da escravatura foi assassinado enquanto assistia à comédia *Our American Cousin*.

Desde meados do século XIX que a sociedade americana foi assistindo amiúde a este tipo de ações criminosas que prosseguiram com a morte de mais três presidentes.

Garfield (setembro de 1881), McKinley (setembro de 1901) e Kennedy (novembro de 1963).

As tentativas frustradas ou não consumadas em morte também se registaram dirigidas nomeadamente aos presidentes Theodore Roosevelt (1912), Henry Truman (1950), Gerald Ford (1975), Reagan (1981) e Bush (2005).

Os USSS fundados em 1865, são a agência federal mais antiga dos Estados Unidos. Criados com um primeiro objetivo de combater a falsi-

ficação da moeda americana protegendo assim o sistema financeiro, receberam em 1901 após a morte de McKinley, o terceiro Presidente, e por delegação do Congresso, o mandato de protegerem o Presidente. Ainda assim essa delegação tinha de ser renovada anualmente.

A ideia da criação de uma espécie de guarda presidencial, era um conceito demasiado monárquico para a sociedade americana. Apenas em 1950 na administração Truman o serviço tornou-se permanente e de carácter mais restrito em termos de proteção. Ao chefe de Estado começavam a ser impostas algumas limitações em termos de circulação e de permanência e acesso.

“

O conceito de “bolha de segurança” entrou para o léxico securitário, como uma série de anéis que impedem uma aproximação fácil ao chefe de Estado.

”

Se por uma lado a consagração legal da proteção foi uma vitória para a agência federal, por outro lado não eliminou os atentados contra o Presidente e a morte mais mediática ocorreu em 1963 na cidade de Dallas quando Kennedy foi morto por Lee Harvey Oswald.

Os USSS tinham falhado ao não evitar que o Presidente mais jovem e com maior projeção mediática na sociedade americana fosse assassinado. Clint Hill, antigo operacional, foi peremptório no assumir tal: “A nossa missão era proteger o Presidente e nós falhamos!”. Uma série de variáveis, identificadas na Comissão Warren, encarregue de investigar o atentado, contribuíram para o trágico desfecho que abalou a sociedade americana e alterou de forma radical os protocolos securitários dos USSS.

A mudança impôs desde logo a utilização de viaturas blindadas nas deslocações terrestres ao mesmo tempo que as colunas de segurança passaram a ter dimensões mais amplas.

O conceito de “bolha de segurança” entrou para o léxico securitário, como uma série de anéis que impedem uma aproximação fácil ao chefe de Estado e que se mantém até à atualidade não só para o POTUS mas também para a sua família.

E foi este conceito que contribuiu decisivamente para que, no espaço temporal de duas semanas, os serviços pudessem reagir a dois atentados com arma de fogo dirigidos ao Pre-

sidente Gerald Ford. Sem ligação aparente, essas duas ações criminosas foram perpetradas por duas mulheres, Lynette Fromme e Sara Moore uma em Sacramento na Califórnia, a outra em São Francisco em 1975.

Este viver dentro da “bolha” embora não tivesse impedido os atentados e tivesse salvo a vida de Ford, voltou a verificar-se em 1981, quando John Hinckley, Jr, à saída de Presidente Reagan do hotel Hilton em Washington, disparou na sua direção ferindo um elemento dos serviços secretos.

Este viver dentro da “bolha” nunca mais abandonado, tornou-se aceite e é bem expresso por Michele Obama (2019), quando referiu que todos os seus movimentos necessitavam de debate prévio com a segurança e que, mesmo como atriz secundária, era necessária para que a capacidade de pensar com clareza e dirigir a nação de POTUS não ficasse comprometida.

Desde 1963, embora os atentados contra o Presidente continuassem a ocorrer e mesmo com o impacto mundial que o 11 de setembro de 2001 provocou, nunca mais nenhum chefe de Estado americano morreu vítima de atentado.

Adicionalmente às melhorias técnicas e táticas dos USSS, abandonou-se o conceito de ter apenas um *bodyguard* atrás do Presidente e evoluiu-se para o sistema mais global e mais integrado que passou a incluir *security surveys of locations, coordination with state and local entities and intelligence analysis* feitas de forma contínua.

O desenvolvimento de material e equipamento tecnológico também contribuiu para a segurança integral do Presidente. A viatura presidencial passou a ter capacidades semelhantes às de um carro de assalto blindado com rodas de borracha permanecendo um mistério sublinhado por Ken Valentine (2004) um antigo agente dos serviços quando afirmava que as limitações da mesma eram: não voar e não fluir. O papel desempenhado pelo avião presidencial o *Air Force One* no pós 11 de setembro permitiu não apenas a George Bush manter-se em segurança no ar – escoltado por caças militares – como transformou-se durante mais de nove horas no centro político substituindo momentaneamente a Casa Branca.

Mas os dois pilares que consideramos mais relevantes para esta segurança integrada fundam-se por um lado na legislação federal americana que não permite ao Presidente, ao Vice Presidente nem ao Presidente eleito recusar a segurança pessoal. Se dentro do vasto leque de protegidos pelos USSS que o podem fazer, porque têm direito a tal, o dever da aceitação aos três primeiros é inquestionável. É um dever que se sobrepõe ao um direito.

Por outro a cultura securitária dos protegidos que aceitam sem hesitações as necessárias medidas securitárias. É um assumir não pessoal mas institucional do titular do cargo e neste domínio as palavras de Bill Clinton expressam esse sentido de Estado: “O teu dever para com o teu país, é permanecer vivo” (2004). Uma ideia reforçada anos mais tarde pelo Presidente Obama (2010) aquando no âmbito da Cimeira da NATO e em conversa informal com o Presidente Cavaco Silva sobre o facto de este não morar no palácio de Bélem, lhe respondeu “Eu tinha uma opção. Podia viver em minha casa e não na Casa Branca. Mas aí não seria Presidente”.

Os USSS no pós 11 de setembro e por decisão legislativa foram transferidos do Departamento do Tesouro para o novo *Department of Homeland Security*.

A sua missão no essencial continua a ser a mesma, protegendo dois dos símbolos mais importantes da América e do mundo; o Dólar e o Presidente Americano.

Estamos certos que num futuro próximo o continuarão a fazer, mesmo que seja para uma pacífica viagem de comboio com o Presidente Biden à sua antiga cidade como este costumava fazer, mas agora não regularmente. ■

Referências

- National Geographic Special – Protecting the President, 2004
- Discovery Channel - Secrets of the Secret Service, 2009.
- “Becoming”, A minha história; Michele Obama; 2019; 9ª. republicação, Penguin Random House,- Grupo Editorial Unipessoal, Lisboa.
- United States Code, Title 50, Chapter 44, Subchapter I, paragraph 3056.
- U. S. Secret Service: History and Missions.
- In The President’s Secret Service, Ronald Kessener, 2009, Crown Publishers
- To be a U.S. Secret Service Agent, Henry Holden, 2006, Zenith Press.
- <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/encontro-de-cavaco-silva-com-barack-obama/>